

EMERGÊNCIA



ANJOS DE CARNE E OSSO

TEXTO HALLAN KLEIN FOTOS NATÁLIA TONDA



Para salvar vidas é preciso mais do que o conhecimento técnico. Colocar o coração no trabalho e regular o humor ajuda a manter a mente sã para os resgates



O som e a luminosidade da sirene são para muitos as lembranças do início de uma salvação. Não interessa o motivo da enfermidade, sempre que uma ambulância chega a uma ocorrência, uma ponta de esperança separa a vida da morte. Para os profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência, o SAMU, ter essa consciência é o que inspira o dia a dia no trabalho. "Eu não tenho muito tempo para fazer um diagnóstico. Não tenho auxílio de exames de imagem, de um laboratório, ou muitas vezes da opinião de um outro colega. Tu tens que pensar rápido, agir rápido. E a motivação vem do pós-atendimento, da satisfação de saber que aquele doente poderia ter morrido se não fosse a tua intervenção, se não fosse a intervenção da equipe que trabalha no pré-hospitalar", afirma o médico Paulo Tigre no fim de mais um plantão de 24 horas.

Há 10 anos no atendimento pré-hospitalar, o profissional revela que esse trabalho é totalmente diferente das outras áreas da medicina. "O doente não escolhe o médico. Ele está num momento de sofrimento, num momento de agonia, e aquele profissional está preparado pra receber qualquer situação." E é o preparo técnico e emocional desses profissionais que ga-

rante o sucesso das operações. Periodicamente são realizados cursos de reciclagem e capacitação para os enfermeiros, condutores-socorristas e médicos. Dessa forma a parte psicológica é enfatizada para que o pessoal do SAMU, além de lutar contra a morte, também vença as dificuldades técnicas que cada salvamento impõe. A equipe costuma enfrentar a chuva, o frio, a falta de iluminação e uma série de perigos inerentes às situações que originaram o chamado.

Até receberem o comunicado da ocorrência, os profissionais ficam aguardando na base. O SAMU de Novo Hamburgo, localizado nos fundos do Hospital Geral, tem instalações que lembram uma residência normal. Não fosse pelos equipamentos de comunicação via rádio, tubos de oxigênio, luvas e máscaras, seria difícil saber a diferença entre um lar e o centro de operações. O ambiente tem cozinha, banheiro com chuveiro quente, sala com sofás aconchegantes e televisão grande, e ainda um quarto com três camas de solteiro para os cochilos dos plantonistas à noite. A geladeira é comunitária e os mantimentos são divididos entre os trabalhadores de cada plantão. No entanto, dentro da equipe existem outras divisões, como quem vai preparar o café, a comida e o chimarrão. Anderson



Vianna é técnico de enfermagem, e, segundo os colegas, é o melhor no manejo da cafeteira. Responsável por guiar a UTI móvel até as ocorrências, ele conta como é o ambiente nos intervalos de um atendimento e outro. "Aqui acontece muita brincadeira. O colega está dormindo e alguém vai lá e põe gel dentro dos coturnos. Põe soro também. Quando um colega cochila na poltrona, é legal de amarrar os pés dele. Aí a gente simula um chamado e o sujeito acorda todo tropeçando", comenta entre uma risada e outra.

Conscientização

O ambiente de tensão das ruas precisa ser esquecido enquanto a equipe está na base. O condutor-socorrista, o técnico de enfermagem e o médico que estão a postos para qualquer emergência, por mais descontraídos que sejam, não conseguem entender apenas um tipo de piada: os trotes. O SAMU de Novo Hamburgo atende uma média de setecentas ocorrências por mês. O número poderia ser maior, já que 70% das ligações recebidas são falsas. "E não são só trotes de crianças, são trotes de adultos também. Então muitas vezes esse trote convence o médico que atende a chamada e se desloca uma

O ambiente familiar ajuda a combater o estresse do dia a dia no SAMU

viatura. E às vezes essa viatura está num extremo da cidade e realmente ocorre um acidente ou uma fatalidade num outro extremo. Ou seja, tu perdeste tempo. Nesse nosso trabalho, tempo é sangue que o doente perde. E sangue é vida", destaca o médico Paulo Tigre.

Outro problema enfrentado pela equipe do SAMU é o trânsito. As ruas das cidades do Vale do Sinos estão superlotadas de veículos e as reformas na estrutura viária urbana não resolvem os congestionamentos. A Secretaria de Saúde do Rio Grande do Sul determina que as UTIs móveis dos Serviços de Atendimento Móvel de Urgência de Porto Alegre e região metropolitana cheguem às ocorrências em no máximo dez minutos. Esta exigência está cada vez mais difícil de ser atingida. "Alguns motoristas ainda hesitam em dar espaço para as ambulâncias, porque acham que nós não queremos enfrentar o



tráfego. Só que nós nunca saímos daqui da base para passear. Estamos sempre levando ou trazendo alguém que nos chamou em socorro”, fala em tom de indignação o condutor-socorrista Flávio Dutra. Além dos motoristas que esperam demais para dar passagem, existem os desastrados, que causam mais problemas ainda por não terem sido preparados para esse tipo de situação: “É uma coisa que devia ser ensinada nas aulas da autoescola”, lembra Dutra.

Os quase super-heróis

Conviver com situações de risco, em que é preciso estar preparado para fazer desde resgates de vítimas de acidentes na mata fechada até atender pessoas em surto psicótico dentro da própria casa, é algo que está no sangue desses profissionais. O técnico de enfermagem Paulo Machado gosta tanto do trabalho de salvar vidas que inventou uma espécie de “cinto de utilidades”. Como um super-herói dos cinemas e dos quadrinhos, Machado é quase um Batman. Acolados à cintura estão todos os apetrechos médicos para resgatar uma vítima. “Aos poucos fui colocando suporte para as luvas, tesouras, a lanterna, o rádio, o soro, as gazes...” – e por aí segue uma lista impressionante de utensílios necessários no cotidiano deste profissional.

Embora a situação da saúde pública no Brasil não seja um exemplo de sistema eficiente de atendimento para toda a população, é visível a dedicação de quem trabalha nos atendimentos pré-hospitalares. Durante nossa visita à base, a equipe ficou diversas vezes em silêncio, atenta aos chamados do rádio. Quando o aparelho não tinha alguma voz passando instruções do outro lado, ouvia-se muitas piadas sobre um colega do outro plantão que costuma vestir um “macacão rosa” para arrancar gargalhadas no centro de operações. Nos momentos de seriedade, falava-se dos desafios da profissão. E os pensamentos profundos e unânimes foram reservados para o questionamento sobre a possibilidade de escolher outra área para trabalhar: “Esse trabalho depende essencialmente do ânimo. Eu tenho que saber que eu vou entrar no meu plantão e que eu não sei se eu vou sair com a mesma roupa, se eu vou ter que trocá-la três vezes ou se eu vou

ter que tomar banho no meio do plantão, em função de intempéries, de se sujar com secreções ou com outras coisas. Eu preciso estar animado, eu preciso amar o que eu faço”, destaca o médico Paulo Tigre. “Este trabalho é um vício, é uma ‘cachaça’, como a gente diz. Tudo é recompensado quando tu alcanças o sucesso na ocorrência. Porque depois tu ficas sabendo que aquela pessoa que tu te esforçaste para salvar está bem”, diz o técnico de enfermagem Anderson Vianna.

E é assim que descobrimos que não é apenas quem vive uma emergência e é salvo dela que aprende uma lição. Os profissionais do SAMU, todos os dias, encaram uma realidade diferente, que não cansa de ensiná-los o valor de salvar uma vida.

IMPRESSÃO DE REPÓRTER

Quando chegamos à base do SAMU de Novo Hamburgo já eram quase sete da noite. Havia muitos carros no estacionamento ao qual tivemos acesso, localizado atrás do Hospital Geral do município. E foi lá que encontramos os primeiros profissionais do atendimento pré-hospitalar. Logo na chegada, percebemos que era o momento da troca de plantão. Cumprimentamos alguns enfermeiros que estavam saindo e fomos apresentados pelo condutor-socorrista Flávio Vianna ao médico Paulo Tigre. Este também estava de saída, porém nos prestou valiosos vinte minutos para uma entrevista que serviu de alicerce para a reportagem. Além disso, posou para fotos no interior do dormitório, um pouco antes de vestir um terno preto e um sapato lustroso para um compromisso que ainda tinha que cumprir. Apesar dos depoimentos que ouvimos, o que mais surpreende é a atenção que recebemos. Os trabalhadores da saúde entenderam logo de cara que estávamos dispostos a honrar uma das mais fortes características do jornalismo: a de revelar. Nosso interesse foi respondido com as poses para as fotografias; com frases firmes como “eu estou aqui porque amo o que faço”; e com muito bom-humor para lembrar que, acima de tudo, a razão do trabalho deles é celebrar a vida.